

SÉRIE NOVO PACTO DA CIÊNCIA-12

Cremilda de Araújo Medina
(Organizadora)

Nas trilhas do Saber Plural

Três décadas de interrogantes



Pensadores de autorias interdisciplinares

Cremilda Medina. Milton Greco. Marcos Zibordi. Lucilene Cury. Walter Trinca. João Frayze-Pereira. Artur Teles de Araújo (homenagem póstuma). Carolina Klautau. Eliane Fadigas. Sinval Medina. Márcia Blasques. Patrícia Patrício. Lenina Pomeranz. Ana Maria Marangoni (homenagem póstuma). Renato Seixas. Dimas Künsch. Salvato Trigo. Elen Geraldês. Angela Farah. Tânia Sandroni. Andrea Tedesco. Edson Capoano. Ana Lúcia Medeiros. Liana Milanez. Demétrio Magnoli. Mara Rovida. Fernando Rezende. Gean Gonçalves. Jaqueline Lemos

Nas trilhas do Saber Plural: Três décadas de interrogantes

Cremilda de Araújo Medina (Org.)

Projeto Gráfico
Carlos A. Tavares Junior

Ilustração de Capa
Daniel Medina

Universidade de São Paulo

Reitor
Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior
Vice-reitor
Prof^a. Dr^a. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Escola de Comunicações e Artes

Diretora
Prof^a. Dr^a. Brasilina Passarelli
Vice-diretor
Prof. Dr. Eduardo Monteiro

Departamento de Jornalismo e Editoração

Chefe
Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly
Vice-chefe
Prof. Dr. Luciano Guimarães

“Essa obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra desde que citada a fonte e a autoria respeitando a Licença Creative Commons indicada”

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

N241 Nas trilhas do saber plural [recurso eletrônico] : três décadas de interrogantes / organização Cremilda de Araújo Medina. – São Paulo: ECA-USP, 2022. PDF (199p.)

1. Comunicação. 2. Transdisciplinaridade. I. Medina, Cremilda de Araújo.

CDD 23. ed. – 302.2

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

ISBN 978-65-88640-65-4
DOI 10.11606/9786588640654

Índice para catálogo sistemático
1. Comunicação: 302.2



Creative Commons 4.0

Atribuição, Não comercial
Sem derivação

Nas trilhas do Saber Plural

Três décadas de interrogantes

SÉRIE NOVO PACTO DA CIÊNCIA-12

Cremilda de Araújo Medina
Organizadora



Pensares de autorias transdisciplinares:

Cremilda Medina. Milton Greco. Marcos Zibordi. Lucilene Cury. Walter Trinca. João Frayze-Pereira. Artur Teles de Araújo (homenagem póstuma). Carolina Klautau. Eliane Fadigas. Sinval Medina. Márcia Blasques. Patrícia Patrício. Lenina Pomeranz. Ana Maria Marangoni (homenagem póstuma). Renato Seixas. Dimas Künsch. Salvato Trigo. Elen Geraldes. Angela Farah. Tânia Sandroni. Andrea Tedesco. Edson Capoano. Ana Lúcia Medeiros. Liana Milanez. Demétrio Magnoli. Mara Rovida. Fernando Rezende. Gean Gonçalves. Jaqueline Lemos.

O NOVO PACTO DA CIÊNCIA, TEMPOS DEPOIS

Lucilene Cury

Eu que não gosto, definitivamente, de voltar às coisas do passado, mas que, ao mesmo tempo, não me esqueço das pessoas que compartilharam comigo o passado, passei por um misto de alegria e de inquietação ao ser convidada pela amiga e orientadora da Tese de Doutorado (**Pequenos Grandes Contos da América Latina**), a Professora Cremilda Medina, para deixar aqui as lembranças desse trabalho tão frutífero realizado durante o Projeto - **Saber Plural** - desenvolvido na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, mais especificamente, no Departamento de Jornalismo e Editoração, para onde recaem agora as primeiras lembranças, que são as memórias afetivas da realização de um projeto muito ambicioso à época e, que ainda hoje, continua sendo atual, tal foi seu caráter de vanguarda no tratamento da ciência, com a proposta de fazer frente ao seu discurso fragmentalista e ao isolamento das disciplinas.

Lembranças, mas não só, também ensinamentos e exemplos que levamos em frente!

Então, nesse quesito das lembranças do trabalho realizado, posso narrar um pouco, a trajetória seguida para contribuir com o **Novo Pacto da Ciência** – seguindo as trilhas deixadas já no início deste texto e que foram as inúmeras caminhadas pela USP, por todos os lados da Cidade Universitária, onde localizava os professores das diversas Unidades, em seus respectivos departamentos e ia tecendo os fios para chegar aos convites, às conversas, que levariam ao Seminário e à publicação dos seus resultados.

Num desses encontros inesquecíveis, cheguei ao Laboratório do Instituto de Química, onde estava o Professor Atilio Vanin – pesquisador dos cristais líquidos – elemento fundamental das telas e dos aparelhos televisores, dentre outras telas, como as dos celulares. Sabe-se que o Laboratório da Química trabalha a mil por hora e está sempre ligado, tendo em vista sua especificidade do trabalho de pesquisa, mas ele estava sempre calmo, com tempo para falar e ouvir, disposto a oferecer as dependências do Instituto para a realização dos Seminários, como o fez realmente, cedendo o Auditório para uma das edições do **Novo Pacto da Ciência**.

Surpreendentemente, eu que sempre fui curiosa e interessada pelos assuntos da televisão, tema das minhas duas primeiras pesquisas em nível de Pós-Graduação, nunca conversei com ele sobre o cristal líquido. Uma pena, mas o que era importante, tratar da interdisciplinaridade entre os saberes, foi a tônica das conversas com ele, que se encontram nos livros resultantes do Seminário e no texto elaborado pela Professora Cremilda para a apresentação deste livro.

Com início nos primeiros anos da década de 1990, a partir do 1. Seminário Transdisciplinar, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com o título de **Novo Pacto da Ciência**, o trabalho reuniu professores e pesquisadores das várias áreas do saber, tais como: Atilio Vanin, Jair Minoru Abe, João Frayze-

Lucilene Cury é Professora Associada na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, pesquisadora e docente no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Integração da América Latina – PROLAM. Coordena o Grupo de Pesquisa - CNPQ - Cibernética Pedagógica: Laboratório de Linguagens Digitais.

Pereira, José Carlos Bruni, Newton Bernardes, Milton Greco, Sílvia Salinas, Walter Trinca e Wilson Luís Sanvito.

Nessa primeira parte do trabalho, foi preciso e prazeroso, o contato com eles para a organização do Seminário. Por coincidência, me cabe tratar aqui do primeiro e do último deles, na ordem em que se encontram no livro – **Novo Pacto da Ciência. A Crise dos Paradigmas**: o químico e professor José Atílio Vanin (1914-2010) e o médico neurologista e professor Wilson Luís Sanvito.

Como se trata de memórias, vou me ater às principais imagens que o nome de Atílio Vanin evoca, principalmente as que estão ligadas ao Laboratório no Instituto de Química, Cidade Universitária, quando explicava seu trabalho sobre os cristais líquidos, sua grande experiência, componente dos monitores eletrônicos, as telas LCD que estão mais do nunca presentes hoje em todas as atividades do ensino remoto, por exigência da crise pandêmica pela qual passa o mundo.

Essa imagem, do cientista inserido no laboratório, com seus óculos grandes e suas mãos tateando frascos e outros instrumentos específicos e tão distantes da minha própria experiência, persiste, passados tantos anos. Procurando detalhes para compor este texto, encontro nas palavras, a seguir transcritas, um complemento para a imagem citada.

É assim que o Atílio entrará para a história da nossa ciência: um mago sonhador, capaz de vislumbrar os detalhes íntimos dos sistemas químicos e a estrutura dinâmica dos cristais líquidos; sempre explorando o significado dos fatos em seus apaixonados discursos, enveredando-se frequentemente pela semântica, e principalmente enfeitiçando e cativando o público”. Henrique E. Toma e Paulo S. Santos (Instituto de Química, USP). Publicado em 31 de agosto de 2001 – Revista Química Nova 24 (4).

Tempos passados, mas a sua fala na apresentação no Seminário continua atual:

É altamente provável que surjam novos métodos computacionais, a matemática sempre avança e tudo isso vai derrubando paradigmas velhos e criando novos, de tal forma que, como químico, eu sou bastante otimista. E eu acho que o grande ponto realmente é a imaginação. O conhecimento sempre avança na medida em que se as pessoas se predispõem a pensar criativamente – eu acho que esse é o grande problema. [...] Então, essa atividade de pensar livremente, testando, produzindo uma nova teoria, e obviamente errando, isso é uma coisa que praticamente está vedada para um professor universitário típico, até mesmo na USP [...] e o fato de não publicar causa muito problema. Acho que a grande questão é realmente voltar à liberdade de pensar, essa liberdade de criar, inclusive com certa capacidade de enfrentar aqueles que tentam impedir a atividade criativa”. (MEDINA, 1991, p.68-69).

Assim, seguindo com a ideia de comparar os tempos entre o início do projeto e os dias atuais, usando a memória afetiva, chegamos a Wilson Luís Sanvito, que desde 1970 trabalha como médico e professor da Faculdade de Ciências Médicas Santa Casa de São Paulo.

Nestes tempos desérticos de encontros, não foi possível o contato pessoal com o Dr. Sanvito, como era meu desejo, utilizei então, uma entrevista conduzida e gravada pelo médico neurologista Dr. Renan Lovat, encontrada no site Raciocínio

Clínico, reproduzindo alguns dos seus trechos mais importantes para este trabalho.

O que se vê muito na medicina contemporânea, nessa nova geração de médicos, é uma negligência da medicina artesanal, e um superdimensionamento em relevância dos exames complementares. Então, às vezes, o médico mal conversa com o doente, e frequentemente não põe a mão no doente, não faz um exame físico. O exame físico sumário deve ser feito por qualquer especialista – depois, ele vai focar o seu exame na sua área específica.

À pergunta final: qual mensagem o senhor deixaria para um jovem médico que está começando? Que atributos o senhor considera importantes para ser um bom médico, hoje em dia? Ele responde:

A mensagem que eu quero deixar é que aquele médico que é militante, que vai lidar com pacientes, que é a maioria que se forma, esses jovens médicos **priorizem na sua prática um ato médico completo**, com aqueles pré-requisitos, que eu já mencionei, e que não superdimensionem exames complementares, por várias razões. Exames complementares às vezes demoram, no sistema público, às vezes são invasivos, e são caros para o país. Quando você pede ressonância magnética, tomografia, ultrassonografia, você está usando equipamento importado, contraste importado, filme importado, e isso tem um custo para o país. Nós temos que aprender a ter **bom senso**. Claro que alguns pacientes têm necessidade de uma pesquisa mais abrangente do seu problema. Mas a maioria não tem.

Durante a apresentação no 1. Seminário Transdisciplinar, o Dr. Sanvito enfatizou seu modo de pensar sobre a técnica e a tecnologia, com palavras significativas sobre a questão da tecnologia, a serviço da medicina:

Nós sabemos que a ciência, na nossa época, é sacralizada e sua filha diletta – a tecnologia – é mitologizada. Entretanto, sabemos que o mundo não pode ser explicado pura e simplesmente através de axiomas e postulados científicos. A sutileza da natureza é muito maior que a sutileza do discurso científico, de modo que o conhecimento gerado pela ciência é apenas a ponta do iceberg: existe muito mais conhecimento que não é científico e que deve também ser valorizado. Parece-me que a exaltação da explicação científica e a valorização dos avanços tecnológicos é que tem gerado uma atomização dos conhecimentos. O que promoveu naturalmente uma hierarquização e uma pulverização do conhecimento em disciplinas. E em parte a universidade é responsável por isso. (MEDINA, 1991, p.45).

Assim, fica claro perceber como se deu a escolha desses cientistas para participarem do projeto aqui em pauta. Suas falas, continuam ainda hoje, no centro da discussão acadêmico-científica, que tem a universidade como sua grande protagonista.

É preciso estar alerta para não perder os pontos essenciais destacados por eles, tais como a paixão pelo conhecimento, a criatividade e a imaginação para a busca das interrogantes do mundo real; o valor do ser humano enquanto ser integral, composto de razão e de emoção; a necessidade de que o discurso científico seja compreensível e que a semântica sofisticada não o supervalorize.

No outro polo da questão, intrinsecamente relacionado ao da ciência, figura o papel da universidade, que vale a pena insistir sempre, já que é a mola propulsora para

seu desenvolvimento e para a qual voltam-se os resultados das pesquisas científicas, em todos os seus níveis, de geração em geração. Ao perder de vista esse seu nobre papel, corre-se o risco de caminhar em círculos, sem nunca chegar ao que realmente importa, descobrir o que está submerso no *iceberg* e não em sua ponta aparente, uma vez que, o grande desafio na busca do que importa para o mundo real, está lá. Tudo o mais perde sentido se essa não for a razão de existir da universidade.

Hoje, como ontem, o mundo carece de explicação, mas ela precisa vir através de movimentos integrados, da ligação e religação dos saberes, com as incertezas próprias que acompanham o destino da humanidade. Se o conhecimento científico continuar fechado em disciplinas estanques não será útil a ninguém, seja ao discente ou ao docente; se a certeza impressa às falas do discurso acadêmico, com seu proselitismo e sem brechas para o diálogo com os portadores de posições diferentes, seguir seu rumo tal como se vê, então a esperança de um mundo melhor parece estar sem sentido...

Seguindo novamente pelas lembranças das pessoas daquele tempo, vêm à mente inúmeras outras, ou memórias que passam por tantos outros nomes que aparecem agora nitidamente, como um filme que ainda não terminou.

- Dona Ema, com seus quitutes e sua bondade para ajudar a todos nós;
- Ivete, amiga de sempre e para sempre, que com sua competência dava respaldo seguro a todas as atividades que eram realizadas no Departamento de Jornalismo e Editoração;
- Paulo, seu companheiro de sala, atento a tudo e a todos os alunos de Pós-Graduação;
- Dulce, doce também no contato e nos trabalhos realizados em conjunto;
- Márcia, hoje na Coordenadoria de Comunicação Social da USP, com quem juntamente com tantos outros colegas, era dividida a tarefa de revisar os textos para edição na Gráfica da ECA, quando Horácio, com sua experiência, transformava os escritos em belos livros e atendia às nossas aspirações de juntar imagens e fotos às capas que desejávamos.

Tudo isso com a autorização dos dirigentes responsáveis à época – Professor Jair Borin (1942-2003) e Professor José Marques de Melo (1943-2018), respectivamente, chefe do CJE e diretor da ECA.

Também precisam ser lembrados:

Dona Hermínia, portuguesa da lanchonete da Vivência Estudantil da ECA, que matava a fome, com sua comida simples e impecável, ao mesmo tempo.

José Mindlin (1914-2010), empresário sensível que fornecia o papel para a impressão dos livros que foram publicados durante o período das primeiras edições, que hoje já não é mais tão necessário, mas que à época era imprescindível!

Enfim, lembranças afetivas, mas não só lembranças, muitos ensinamentos e exemplos que levamos em frente! Impulsionados primeiramente pela Professora Cremilda Medina, que com sua generosidade e fôlego para o trabalho, acolheu a um grupo de doutorandos, no qual estive incluída, para o desenvolvimento das nossas pesquisas e para a formação teórica sólida, com destaque para os autores latino-americanos e outros ícones da interdisciplinaridade, como Edgar Morin, que aos seus cem anos, continua sendo referência para a continuidade dos estudos interdisciplinares, fundamentados na Epistemologia do Pensamento Complexo, de sua autoria. Exemplo dessa sua efervescência intelectual pode ser verificada na entrevista intitulada “Um Festival de Incertezas – sobre sua visão do mundo hoje”.

Então, nesse quesito das lembranças do trabalho realizado, posso narrar

um pouco, a trajetória percorrida para contribuir com o **Novo Pacto da Ciência** – seguindo as trilhas deixadas já no início deste texto, que foram as caminhadas pela USP, por todos os lados da Cidade Universitária, onde buscava e encontrava os professores das diversas Unidades, em seus respectivos departamentos e ia tecendo os fios para chegar aos convites, às conversas, que levariam ao Seminário e à publicação dos seus resultados.

Depois disso, muita água rolou... lugar-comum para descrever que foram tantas coisas daí advindas que é difícil lembrar e, principalmente escrever. Basta salientar que o que somos hoje, como pessoa e como profissional, tem muito de todo esse aprendizado e do compartilhamento com todos os citados e com os muitos não-citados.

Os companheiros de hoje sabem disso e usufruem do que lhes é passado, sejam alunos, da mesma Escola de Comunicações e Artes, ou dos Cursos de Pós-Graduação. Orientandos de Iniciação Científica, estagiários, monitores, mestrandos, doutorandos, colegas pesquisadores da USP e de outras Instituições com as quais são estabelecidos diálogos acadêmicos e profissionais.

Por tudo isso, agradeço a oportunidade de expressar meus sentimentos a respeito de um trabalho tão profícuo que iniciado há tempos, segue atual, vigente e inacabado, como devem ser as coisas da VIDA.

Referências

- LOVATO, Renan Maximilian. **Grandes Nomes do Raciocínio Clínico 2: Wilson Luiz Sanvito**. Disponível em <https://raciocinioclinico.com.br/grandes-nomes-2-wilson-luiz-sanvito/>. Acesso em 05/09/2021.
- MEDINA, Cremilda (Org.). **A crise dos paradigmas: anais do primeiro seminário transdisciplinar**. São Paulo: ECA/USP, 1991.
- MORIN, Edgar. **Um festival de incerteza**. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599773-um-festival-de-incerteza-artigo-de-edgar-morin>
- TOMA, Henrique E.; SANTOS, Paulo S. **Desenvolvimento da Química Inorgânica no Brasil**. Instituto de Química, USP. Revista Química Nova 24 (4).